

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA UNICEUB
DISCIPLINA “QUESTÕES ATUAIS DE DIREITO CONSTITUCIONAL”
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
PROFESSORA NARA AYRES BRITO
A CONTEMPORANEIDADE DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO (*)

Eu tenho muito encantamento por estar aqui nessa sala virtual para compartilhar algumas reflexões, com visão retrospectiva, sobre A Contemporaneidade da Alegoria da Caverna, de Platão, nesses tempos de reverencia acomodada à irrealidade e desprezo pela verdade real.

Agradeço ao Centro Universitário de Brasília UNICEUB e, marcadamente, à Professora Nara Ayres Brito pela gentileza do convite. Este convite, que recebi da Professora Nara Ayres Brito, muito me desvaneceu, seja pela notabilidade da sua autora, uma Professora que tem a marca da inteligência, da cultura jurídica, e, tão jovem ainda, recebe o reconhecimento plural de todos que acompanham o seu magistério, seja por ser ela integrante de uma família da minha particular estima, com a qual tenho proximidade pessoal, desde a sua chegada a Brasília, anos passados.

* * *

Apenas para me apresentar, em poucas palavras. Nasci na cidade de Salvador, sou advogado com exercício profissional na capital do Brasil, desde

(*) Aula apresentada, em 17.11.20, por Pedro Gordilho, pela plataforma digital vídeoaula, atendendo convite da professora Nara Ayres Brito.

o longínquo ano de 1961, onde cheguei no mês de fevereiro. Exerci o cargo de Procurador do Estado da Bahia, junto ao Supremo Tribunal Federal, até a aposentadoria, no ano de 2000 e, por dois biênios, indicado pelo Supremo Tribunal Federal em lista tríplice e escolhido pelo Presidente da República, exercei o cargo de Ministro do Tribunal Superior Eleitoral, compondo uma das vagas destinadas a advogados. Entre 1978 e 1982.

* * *

Esse universo que eu imagino com grande contingente de assistentes do curso de pós-graduação, e por igual de interessados, que tenho virtualmente diante de mim, contesta o veredicto de Gabriel Garcia Marques, na sua obra monumental *Cem Anos de Solidão*, que lhe deu o Nobel de Literatura. Ele diz que na, alta maturidade, os longevos, detendo informações e conceitos bem definidos, não têm um auditório disposto a ouvi-los. O que percebo aqui opõe-se, concretamente, ao que disse o notável escritor colombiano. E mais se vincula ao pensamento expressado pelo novelista português Camilo Castello Branco, ao ressaltar, vivamente: “*A velhice tem um só meio de ser útil à mocidade, quando não é com o exemplo, vem de ser contar os exemplos de que se aproveitou na mocidade*”.

* * *

Faremos, aqui, algumas reflexões sobre A Contemporaneidade da Alegoria da Caverna, de Platão. O que significa Alegoria, no sentido que vem aqui definido? Alegoria é a expressão de uma ideia pela emissão de imagem diferente daquilo que se quer exprimir, com mais fácil compreensão. Ou, por outra: a alegoria é a exposição de um pensamento em forma figurada, uma

ficção, que representa uma coisa para dar ideia de outra. Foi o que Platão fez nessa genial Alegoria da Caverna.

Façamos agora um exercício de fantasia, um devaneio. Imaginemos uma caverna habitada por seres humanos que dela nunca saíram. Lá se encontram desde sempre. Nesta caverna, apenas uma fração de luz do dia entra. Acorrentados uns aos outros, os seres humanos, lá presos, enxergam apenas uma parede ao fundo da caverna. Estas pessoas têm vivido, no fundo da caverna, desde a infância, encarando uma parede vazia, são incapazes de ver uns aos outros ou a si mesmos. Elas assistem sombras projetadas na parede vazia. E que sombras são estas? São sombras de coisas, objetos, passando em frente ao fogo que se encontra atrás das pessoas acorrentadas. Entre as pessoas e o fogo há uma pequena parede, que impede que os acorrentados vejam aqueles que passam em frente ao fogo, carregando objetos. Percebem, com sua visão, apenas os objetos se movendo, como em um teatro de fantoches. Os sons vindos de fora ecoam pelas paredes da caverna, fazendo com que os acorrentados pensem tratar-se de sons produzidos pelos objetos, que parecem mover-se sozinhos.

De fato, há pessoas carregando objetos por trás de uma parede, em frente ao fogo, mas o que as pessoas acorrentadas presas veem é algo muito diferente disto, pois as sombras dos objetos que parecem mover-se sozinhos são o mais próximo que essas pessoas podem alcançar. E o que elas imaginam ser a realidade.

Sócrates é o personagem principal de *A Republica*, que é a obra na qual se contém A Alegoria da Caverna, que está no Livro VII. Aparecem interlocutores de Sócrates, que têm uma função quase figurativa na narrativa de Platão. E qual é o objetivo dele, o que ele quer trazer ao conhecimento, nesse Livro VII? Ele deseja falar sobre conhecimento, sobre a ideia de justiça (ideia que é alcançada somente por alguém que possua conhecimento) e sobre a educação dos filósofos, que seriam, na visão de Platão, os únicos a alcançar o conhecimento necessário para governarem a cidade.

Como todos sabem, o Platão escrevia utilizando-se, como recurso de explanação, dos diálogos. E há um debate entre Glauco e Sócrates sobre como esse caso se aplica ao mundo então existente. Sócrates explica como uma dessas pessoas, liberta das correntes, poderia ser capaz de começar a perceber que as sombras não constituem a realidade, enxergando a verdadeira forma da realidade para muito além de sua representação, em forma de mera sombra projetada na parede, a única liberada para os acorrentados.

O filosofo procura compreender a Verdade – e aqui menciono a verdade com letra maiúscula – por trás das aparências imediatas. Tornando-se sábio, neste processo, ao mesmo tempo busca ajudar os outros humanos a alcançarem a verdade e a sabedoria. Assim como aquele que olha para o fogo pela primeira vez, este é um processo doloroso, ensina Platão, um processo que exige dedicação, que exige capacidade, pois a realidade, olhada com mais proximidade, pareceria menos clara a princípio, por estar o protagonista acostumado a ver apenas sombras. Dessa maneira, assim como quem passa das sombras à luz, o processo de aquisição da sabedoria é gradativo e, muitas vezes, lento, penoso e doloroso.

Questionado, ainda pelo seu interlocutor, que este seria um grupo de pessoas inusual, pouco frequente, e que esta situação seria igualmente inusual, Sócrates – pela escrita de Platão – alerta que estas pessoas são muito semelhantes a todos nós humanos. Em nosso mundo, Sócrates relaciona a luz do Sol com a luz do fogo na caverna, explicando que os fatos do mundo não se apresentam, imediatamente, como os devemos interpretar. E mais: que a realidade última das coisas pode estar oculta ao olhar menos atento, procurando, desta forma, explicar como chegamos a conhecer as coisas, através de um olhar que ultrapassa a mera aparência imediata e procura – aí vem a parte, a meu ver, capital – a realidade. Repito: um olhar que ultrapassa a aparência e visa encontrar, enxergar, ver, a realidade.

A Alegoria da Caverna é interpretada, a meu juízo, de modo culminante, como uma advertência sobre como governantes, sem uma mentalidade filosófica forte, manipulam a humanidade.

A alegoria prossegue, e Platão narra que num certo dia um dos prisioneiros consegue libertar-se e alcançar o lado de fora da caverna. No início, ao sair da caverna e das trevas que ali reinavam, ele ficou cego, devido à claridade vinda de fora.

Pouco a pouco, gradativamente, seus olhos foram se acostumando à claridade e visualizaram outro mundo. E que mundo era este, visualizado pelo desacorrentado? O mundo da natureza, o mundo das cores, o mundo das imagens diferentes daquelas que antes ele considerava verdadeiras. O universo da ciência e do conhecimento se abria perante ele, podendo então visualizar o mundo das formas perfeitas ou – notem todos, agora, a culminância desse desenrolar genialmente concebido por Platão – abre-se para ele o mundo da verdade, o mundo do conhecimento verdadeiro. Absolutamente siderado pelo conhecimento verdadeiro, ele volta para dentro da caverna, cheio de emoção e de alegria, para narrar a descoberta aos seus amigos ainda acorrentados, com a intenção notória de também libertá-los. Mas o que acontece? Os acorrentados não acreditam nele e, então, revoltados com a sua suposta “mentira”, acostumados a permanecer protegidos na “zona de conforto”, ameaçaram matá-lo.

Então, que conclusão podemos extrair a partir deste momento da exposição? Resposta: o mundo dos acorrentados é o mundo da imperfeição, o mundo da ilusão, o mundo da mera opinião, o mundo do “eu acho”. O mundo encontrado pelo desacorrentado é o mundo da verdade, do conhecimento, das ideias, das formas inteligíveis e claras, dos conceitos baseados na verdade, o mundo da realidade.

* * *

Agora, vamos fazer um novo exercício de imaginação, trazendo esta alegoria para o nosso tempo. Temos, no cenário que está diante de nós, as redes sociais. Isto é um fato. As redes sociais – *whatsapp, twitter, facebook*,

instagram –, essas novas ferramentas de comunicação passaram a ser também protagonistas de um processo de colocação de irrealidades, de inexatidões, de falsidades, em uma palavra, de *fake news*.

Que temos hoje? Temos as campanhas de desinformação, de difamação e de ódio. Não há solução fácil para essa tragédia contemporânea. O judiciário tem um relevante papel, mas é um papel residual no enfrentamento das notícias falsas. A própria caracterização do que seja *fake news* não é fácil, nós não a detectamos de imediato, a não ser em casos grosseiros, o que é e o que não é uma *fake news*. O poder judiciário, que é o poder no qual operamos, tem o seu rito, as suas regras dependem de representação, forma-se o contraditório e, depois, o julgamento. Finalmente, vem o mais perigoso dos ingredientes deste formato: grande parte das máquinas que operam as notícias falsas estão fora do Brasil, e nós não temos jurisdição extraterritorial para ir atrás delas e impedir a disseminação das mentiras.

O saber, o conhecimento da realidade é que permite a todos nós formar opiniões sobre a atuação dos órgãos do Estado, sobre o funcionamento das instituições e sobre a atuação dos governos eleitos. O caráter disruptivo das novas tecnologias proporcionou, certamente, muitos benefícios. Mas, ao mesmo tempo, criou falsos perfis e desinformação nas redes e combate-los é um dever da sociedade visando proteger a democracia, garantir a liberdade e mostrar a verdade.

A disseminação de informações falsas e de ataques à democracia, devo ressaltar, não pode estar amparado pelo direito à liberdade de expressão, assegurado no artigo 5º da Constituição, sendo um dos valores mais preciosos do Estado Democrático de Direito (CF, art. 5º, inciso IX). Temos ainda a utilização desenfreada de robôs e essa utilização viola a garantia constitucional que veda o anonimato no exercício da liberdade de expressão, como previsto no mesmo artigo 5º da Constituição (inciso IV). Entendo que é dever de todos exigir do Estado e das instituições medidas que não permitam movimentos, por exemplo, pelo fim da democracia, ou movimentos que ataquem os poderes estabelecidos, como assistimos, estorrecidos, no corrente ano de 2020, através

de campanhas odiosas contra a Câmara dos Deputados e contra o Supremo Tribunal Federal. Diante da desinformação nós temos o dever de assumir o protagonismo. A liberdade de expressão não é um valor absoluto e sua má utilização não pode ser instrumento de ódio, de falsidade, de violação da honra, da imagem e da reserva das pessoas.

* * *

O sociólogo espanhol Manuel Castells é um dos pensadores mais influentes dos tempos atuais. Ele é considerado o principal analista da era da informação, ele investiga os efeitos dos últimos avanços tecnológicos sobre a economia, a cultura e a política das sociedades conectadas em rede. E as recentes transformações ocorridas no Brasil estão no centro de suas pesquisas. No ano passado, por exemplo, ele participou do seminário Comunicação Política e Democracia, realizado no Centro Cultural Getúlio Vargas, assinalando, de forma muito enfática, que nas relações de dominação, como nas de contra dominação, as batalhas pelo poder são travadas nas mentes das pessoas.

Ao falar sobre isso ele está falando sobre comunicação, porque o que define a espécie humana é que somos animais sociais, mas é a comunicação, cognitiva e consciente, o que nos caracteriza. E aí está o ponto culminante, que interessa, que está na base desta minha exposição. É através dos debates e, em última instância, das lutas travadas nas mentes das pessoas, que se configuram as relações de poder em todas as sociedades. O novo normal é a comunicação, em tempo real, pelas redes sociais.

O sociólogo, que é um conhecedor do Brasil, recusa-se, elegantemente, a opinar sobre a política em nosso país, mas ressalta que há um processo de desconstrução de todas as instituições que permitiram ao Brasil, por exemplo, lutar contra a ditadura militar. Há um projeto, muitas vezes subestimado, que passa pela manipulação das mentes e que passa pelas emoções. A única coisa que não podemos fazer é negar a realidade. Não sei o

que fazer – finaliza o pensador –, mas sei o que não fazer. Não se pode negar a realidade. Se há milhões de pessoas que sentem emoções, que a muitos de nós parecem primitivas e não construtivas, temos que partir dessas emoções e tratar de dar respostas a elas, não as negar.

O tema, como se pode avaliar, é sutil e produz, para muitos, uma forte dose de incredulidade. Alguns poderão indagar: como a minha mente vai ser deturpada em razão de uma informação que me vem de uma máquina, de alguém que não está no mundo real, que não é identificável? Pude colher informações minuciosas e muito atualizadas na obra “*Inteligência Artificial e Direito*”, coordenada pelas Professoras Ana Frazão e Caitlin Mulholland, contemplando variados e oponentes temas ligados ao assunto, totalizando vinte e nove ensaios eruditos, resultantes de pesquisas bem estruturadas e desenvolvidas por ilustres estudiosos desse tema, que tanto assusta.

O ensaio denominado “*Inteligência Artificial e a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais: Breves anotações sobre o Direito à explicação perante a tomada de decisões por meio de Machine Learning*”, de autoria de Caitlin Mulholland e Izabella Frajhof, muito destrava diante desse quadro devastador. Nesse brilhante trabalho eu colho informações bem deduzidas, que chegam a assustar, mas explicam muita coisa do que pretendemos expor nesse apanhado, que parte da Alegoria da Caverna e chega aos nossos dias, quando percebemos que muitos preferem desprezar a verdade e negar a realidade, tal como os acorrentados de Platão, enquanto outros são subjugados pelo uso abusivo e nocivo da Inteligência Artificial. Repito: alguns não desejam conhecer a realidade. Ficam abastecidos apenas com a visão das sombras projetadas. Outros, não podem conhecer a realidade. Estão subjugados, submetidos, submissos à Inteligência Artificial. Explico melhor.

No capítulo em que as autoras narram e aclararam a resposta da lei geral sobre a proteção de dados e a tutela da pessoa humana, lá está a advertência: Elas dizem: o tratamento de “*Big data*” – literalmente, grandes bases de dados –, por meio de técnicas computacionais cada vez mais desenvolvidas, pode levar a análises probabilísticas e resultados que, ao mesmo tempo em que

atingem os interesses de uma parcela específica da população, retiram a capacidade de autonomia do indivíduo e o seu direito de acesso ao consumo de bens e serviços e a determinadas políticas públicas.

A seguir, ressaltam as autoras: “*Uma das práticas em que há um alto poder de causar descriminações é o profiling, ou perfilhamento, que é a criação, por parte do controlador, do perfil do titular de dados que tem como intuito servir como parâmetro de avaliação sobre alguns aspectos da sua personalidade*”.

Elas explicam como isso se desenvolve, anotando que, uma vez munidas de tais informações sobre as entidades privadas e governamentais, a Inteligência Artificial torna-se capaz de “rotular” e relacionar cada pessoa a um determinado padrão de hábitos e de comportamentos, situação que pode favorecer inclusive graves descriminações, principalmente se analisados dados sensíveis.

Ou seja: ali está dito que a Inteligência Artificial é capaz de selecionar, de obter dados, de conhecer preferências, de indicar condutas pessoais, procurando um benefício bem determinado, que é o de enviar as mensagens robóticas dirigidas a pessoas determinadas, com seus gostos previamente selecionados, afim de que a mensagem, a notícia falsa, as indicações, alcancem aqueles que estão mais propensos para recebê-las.

Finalizam as autoras o capítulo com esta advertência avassaladora: “*Neste cenário fica evidente a necessidade de que existam formas de controle destas práticas, a fim de evitar e até mitigar riscos de potenciais descriminações, e ilicitude ou abuso no tratamento de dados pessoais. O cuidado deve ser ainda maior por estarmos diante de um Direito Fundamental. Assim, apesar de não existir no Brasil previsão constitucional sobre o direito à proteção de dados enquanto uma categoria de Direitos Fundamentais, é certo que o seu reconhecimento pode se dar por diversos dispositivos constitucionais: a partir da proteção da intimidade (artigo 5º, X), do direito à informação (artigo 5º, XIV), do direito ao sigilo das comunicações e dados (artigo 5º, XII), ou da garantia individual ao conhecimento e correção de informações sobre si pelo habeas data*

(artigo 5º, LXXII) (MULHOLLAND, 2018, P. 168). Partindo-se da premissa de que a privacidade é o locus constitucional adequado da proteção de dados, isto reflete no reconhecimento de que “os dados são elemento constituinte da identidade da pessoa e que devem ser protegidos na medida em que compõem parte fundamental da sua personalidade, que deve ter seu desenvolvimento privilegiado, por meio do reconhecimento de sua dignidade” (MULHOLLAND, 2018, p. 168)”.

Acrescento: atualmente temos a LGPD, a Lei Geral de Proteção de Dados, L. n. 13.709, sancionada em 14.8.18, e vigente a partir de agosto de 2020. Seu objetivo nuclear é garantir transparência no uso de dados das pessoas físicas em quaisquer meios. Uma nova realidade, ainda em fase, digamos, de testes.

* * *

Como então se exerce o controle sobre mentes que, (1) ou não desejam conhecer a realidade – ou seja, aquelas pessoas que estão previamente propensas a ficar no estado mental em que se encontram, portanto, dispostas a não aceitar a verdade –, ou que, em face dessa tecnologia assustadora que acabo de descrever, (2) estão sendo manipuladas para receber informações da Inteligência Artificial, através de grandes bases de dados, que as selecionam para serem imoladas em holocausto à verdade robotizada.

* * *

Cada um de nós deve sair da redoma, deve deixar a zona de conforto, deve desprezar as sombras e redobrar a nossa consciência, para que não sejamos tragados, não sejamos vítimas indefesas da Inteligência Artificial, que indique preferencias, que não são as nossas do ponto de visto ontológico,

mas que estaríamos sendo induzidos, inconscientemente, pelos motivos que apresentei, a aceita-las. Devemos assumir o protagonismo do desacorrentado, aquele que viu a luz, que conheceu a realidade, que conheceu a verdade, e nunca o comportamento fraco, frágil, daqueles que, além de acorrentados e desinteressados em conhecer a verdade, serão sempre presas fáceis de plataformas capazes de desviar as suas preferencias, as suas condutas, as suas escolhas.

* * *

Retornemos à Alegoria da Caverna, nosso ponto de partida. Ressaltemos o ganho daquele que se liberta das correntes. O que lhe estará abonado, qual será seu proveito? Respondo: seu proveito será, conhecendo a verdade, alcançar a integridade da vida interior, a faculdade de pensar e praticar o bom uso do livre arbítrio, fazer a escolha, este imenso dom que recebemos ao nascer. Em uma palavra: a perspectiva da construção da liberdade.

No oráculo de Delfos lê-se a expressão que constitui a base de toda a filosofia ocidental: “*Conhece a ti mesmo*”. A expressão foi divulgada por Sócrates, que mostrou a grande significação desta busca pelo mundo interior, pelo conhecimento de si próprio e da realidade, de nossas verdades, nossas tendências, nossas virtudes, nossos predicados e nossos defeitos.

Ele dizia: “*A única coisa que sei é que nada sei*”. E acrescentava: “(...) o fato de saber isso me coloca em vantagem sobre aqueles que acham que sabem alguma coisa”. É o princípio que vem dos que nos legaram o poder do pensamento, a força do pensar como agente transformador. Mas para que possamos pensar bem, é preciso que nos conheçamos.

Só sei que nada sei. Mas procuro saber o que admirar. E, principalmente, procuro saber quem sou. É isso que me faz livre. A liberdade é algo que não se pode explicar. Mas todos nós sabemos o que é a liberdade. A poeta Cecília Meirelles, em versos de rara beleza, enunciou com clareza:

"Liberdade, essa palavra / que o sonho humano alimenta / que não há ninguém que explique / e ninguém que não entenda".

Continuemos na Grécia e vamos focalizar Odisseu e a eterna travessia. Odisseu é o herói conhecido pelos romanos como Ulisses. Teve sua jornada pelos mares revoltos do mundo antigo eternizada por Homero, na sua obra Odisseia. O mar estava calmo, nenhuma brisa soprava. A frota de Odisseu navegava ao sabor dos remos que batiam na água. De pé, o capitão Odisseu avistava a encosta rochosa do cabo Maleas. Era a pontinha do Peloponeso, sul da Grécia: bastava contorná-la e ele estaria de volta a sua ilha natal, a ilha de Ítaca. Dez anos antes ele e seus companheiros haviam partido de casa para lutar junto às muralhas de Troia. A guerra havia acabado, ele estava cansado de aventuras e queria voltar para a sua esposa, Penélope, e o filho, Telêmaco.

De repente nuvens e relâmpagos envolveram o céu e o mar. O temporal caiu sobre o mundo, como uma noite repentina. O vento norte uivava, demoníaco, estraçalhando velas e arrebentando cordas. Foram três dias e três noites daquela estranha tempestade. Os navios foram soprados para o sul, depois para o leste, depois para o oeste, até que todos os pontos cardeais se confundissem na grande escuridão que tomou conta do mundo. Quando a alvorada se apresentou, Odisseu olhou para os lados sem saber onde estava. Enveredou com seus homens, numa geografia de belezas e de horrores. Essa grande Odisseia durou mais de dez anos.

Odisseu é considerado por muitos como um dos maiores personagens já inventados pela literatura. E muitos e diferentes motivos fazem da Odisseia um mito recorrente, sobressaindo um, dentre os múltiplos aspectos da obra grandiosa: se considerarmos a existência como travessia, as aventuras de Ulisses concentram as duas posições básicas no que toca a nossa jornada em nossa aventura humana.

Odisseu era o homem que queria voltar para casa: sua grandeza estava em ter alcançado o objetivo último, apesar de todas as asperezas do caminho.

Mas as gerações posteriores veriam nele o oposto, a saber, a ideia de que o objetivo de toda a travessia não está no ponto final, senão no próprio movimento que a compõe.

A visão dualista leva a um cenário que se apresenta da seguinte maneira: de um lado, a crença em um futuro que nos dê sentido. De outro, a aceitação de que todas as coisas humanas são transitórias.

Ficamos com a visão de que o nosso maior compromisso é com o movimento que compõe a travessia. Isto porque a vida é um movimento permanente, sendo esse e o nosso maior desafio. E o que orienta o nosso movimento? O que orienta o nosso movimento é a nossa liberdade individual. É o livre arbítrio que constitui a grande benção, recebida do Senhor de todas as esferas, desde o nosso nascimento.

Mas essa liberdade de que fomos dotados tem limites. Esses limites decorrem de nossa aventura humana, de nossas vivências nesse grande cenário do qual fazemos parte.

E quem melhor definiu esses limites foi Sigmund Freud. Ele buscou os fundamentos primeiros das flamejantes pulsões humanas. Pulsões estas que precedem a prática da liberdade e que podem ofusca-la. E quais seriam estas pulsões? Responde Freud: primeiramente, o instinto sexual. E, numa idade mais avançada do pensador, também o impulso da morte.

Criou, a partir daí, os três segmentos que se integram na alma humana. Primeiramente o *Ego*. O *Ego* afirma, nega e censura as pulsões.

Em seguida, o *Superego*. O *Superego* é o ideal do *ego*. Ele é o defensor do mundo interior, ele é a origem da nossa consciência e é, por igual, o germe, a partir do qual se formaram as diversas religiões. O *Superego*, em uma palavra, é o grande defensor dos padrões éticos que habitam em nós.

Mas todos temos impulsos, que ficaram reprimidos no curso da vida desde o nosso nascimento. E que impulsos são esses? Freud denominou este segmento de *Id*. Esses impulsos reprimidos, travados, trancafiados, que constituem o *Id*, são as nossas pulsões não exteriorizadas, as experiências

inconclusas, as grandes feridas e as decepções esquecidas. Tudo isto continua a arder em nossa alma. Desapareceram da consciência do *Ego*, mas não desapareceram do nosso interior. É dessas pulsões não exteriorizadas que promanam, que têm origem os excessos, a reação desmedida, a ação neurótica, os transtornos obsessivos compulsivos, as emoções sórdidas, a inveja, o rancor, o ciúme, o ressentimento, a vingança.

Então conhecendo a nós mesmos, buscando a liberdade interior, procurando o caminho da realidade e da Luz, saberemos o que fazer e que diretriz tomar.

A religião, a psiquiatria, a terapia, a auto-cura, a resiliência, são ferramentas essenciais nessa busca pela liberdade interior e pelo saneamento de nossa alma. A religião, com seus dogmas, ajuda alguns nas adversidades, a psiquiatria, com os medicamentos modernos, estabiliza os humores que têm curso desordenado, o terapeuta comportamental tem boas possibilidades de ajustar nossa presença no meio da sociedade, corrigindo a sociopatia, a autocura elege princípios que permitem a libertação das doenças psicológicas, e a resiliência tem um significado substancial na nossa vida. Ela significa a capacidade de transformar o trauma em crescimento, o sofrimento em competência. Vem do verbo *resilira*, que significa ricochetear.

Diante dessa enunciação, ressalte-se o que parece ser a verdade inteira: Freud leva você até a beira do rio. Mas a decisão de atravessa-lo, esta é sua.

Se você atravessou o rio, você agora é absolutamente livre e vai viver aquilo que Sartre ensinou: a existência precede a essência. Coloque então essência real, verdadeira, livre, na sua existência.

Não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. O homem está condenado a ser livre, o homem é quem decifra, ele mesmo, a jornada que vai percorrer. O homem, sem qualquer tipo de apoio ou auxílio, está condenado a inventar, a cada instante, o homem. Francis Ponge, poeta francês, disse isso numa frase de rara beleza: “*O homem é o futuro do homem*”. E Jean

Paul Sartre explica: “(...) existe uma universalidade humana, mas ela não é dada, e sim permanentemente construída”.

Conhecer a si mesmo. É esta a regra maior. E conhecer é libertar-se. Construam sua liberdade.

(CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA UNICEUB)